

## A SEMANA –178

John Gledson

Desde a década de 1860, Machado, sempre cético em assuntos religiosos, fora inimigo ferrenho do espiritismo. Este aparece em várias crônicas, muitas vezes como alvo de zombaria, com piadas sobre reencarnação, etc.; às vezes, como na última crônica de “Bons Dias!”, Machado é mais agressivo, acusando a seita de ser uma “fábrica de loucos, que não pode subsistir”. A morte de Inês exemplifica isso mesmo. O fenômeno não só subsistiu, porém; nos primeiros anos da República, cresceu e floresceu (testemunha disso é o número de publicações listadas). Esse aumento de respeitabilidade está refletido nos depoimentos dos dois declarantes, a médium e o presidente – falam da sua popularidade entre todas as classes sociais, e insistem na natureza puramente religiosa – “meramente evangélica” – de suas sessões, quando é evidente que o que atrai as pessoas são os supostos poderes sobrenaturais e curativos dos oficiantes. Claro que Machado sabe da sua desonestidade – “minha finória” como chama a médium. Mas reconhece também a sua sofisticação – ou sofística – ao defender-se e disfarçar-se, evidente na sua exploração do conflito (óbvio e bem conhecido) entre o Código Penal (de 1890) e a Constituição (de 1891), entre o espiritismo como superstição e como religião.

A crônica termina com uma resenha de *Alma alheia*, de Pedro Rabelo. Machado parece lisonjeado e constrangido pela imitação (meio desajeitada) da “maneira” dele, e escapa profetizando-lhe um glorioso futuro – que não se realizou, já que Rabelo morreu relativamente jovem.

Esta crônica consta da antologia de Mário de Alencar, p. 268-272.



## A SEMANA

27 de outubro de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Conversávamos alguns amigos, à volta de uma mesa, eram 5 horas da tarde, bebendo chá. Cito a hora e o chá para que se compreenda bem a elegância dos costumes e das pessoas. Suponho que os ingleses é que inventaram esse uso de beber chá às 5 horas. Os franceses imitaram os ingleses, nós estávamos vendo se<sup>1</sup> imitando os franceses, há de haver alguém que nos imite. Os russos,<sup>2</sup> esses bebem chá a todas as horas; o *samovar* está sempre pronto. Os chineses também, e podem crer-se os homens mais finamente educados do mundo, se a nota da educação é beber chá em pequeno, como diz um adágio desta terra de café.<sup>3</sup> Creio que chegam à perfeição de mamá-lo.

Bebíamos chá e falávamos de coisas e loisas.<sup>4</sup> Foi na quarta-feira desta semana. Abriu-se um capítulo de mistérios, de fenômenos obscuros<sup>5</sup> e concordávamos todos com Hamlet, relativamente à miséria da filosofia.<sup>6</sup> O próprio espiritismo teve alguns minutos de atenção. Saí de lá envolvido em sombras. Um amigo que me acompanhou pôde distrair-me falando do plano que tem (aliás secreto) de ir ler Teócrito,<sup>7</sup> debaixo de alguma árvore da Hélade. Imaginem que é moço, como a antiguidade, ingênuo e bom, ama e vai casar. Pois com tudo isso, não pôde mais que distrair-me; apenas me deixou, as sombras envolveram-me outra vez.

---

<sup>1</sup> Aurélio acrescenta aqui uma vírgula que não está na *Gazeta* nem em Mário de Alencar.

<sup>2</sup> Esta vírgula falta na *Gazeta*, em fim de linha. Aurélio a repõe.

<sup>3</sup> Segundo José Pereira da Silva, a frase feita “Tomar chá em criança” deve ser interpretada com o “chá” entendido como “chá de casca de vaca”, ou seja, com o sentido de que só tem boa educação quem apanha com relho (feito de couro de vaca) na infância.

Cf. <<http://www.filologia.org.br/pereira/textos/aorigemdasfrases.htm>>; HOUAISS, 2001, verbete “chá” – locuções.

<sup>4</sup> A locução “cousas e lousas” (como vem na *Gazeta de Notícias*, que sempre grafa “cousa” – palavra que modernizamos) pode, alternativamente, ser grafada “coisas e loisas” – ambas as formas estão registradas no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001).

<sup>5</sup> Aurélio acrescenta aqui uma vírgula que não está na *Gazeta* nem em Mário de Alencar.

<sup>6</sup> Alusão à frase de *Hamlet* (ato I, cena v): “Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, / do que as sonhadas na tua filosofia.” A citação é tão famosa e repetida por Machado que nem precisa citar as palavras.

<sup>7</sup> Poeta grego (da Sicília) (c. 300-260 a.C.). Reputado criador do gênero pastoral ou bucólico.

Então, lembrei-me do caso daquela Inês, moradora à rua dos Arcos n. 18,<sup>8</sup> que achou a morte, assistindo a uma sessão da Associação Espírita, rua do Conde d'Eu.<sup>9</sup> Pode muito bem ser que já te não lembres de Inês, nem da morte, nem do resto. Eu mesmo, a não ser o chá das 5, é provável que houvesse esquecido tudo. Os acontecimentos desta cidade duram três dias, - o bastante para que um hóspede cheire

---

<sup>8</sup> Assim na *Gazeta* e Mário de Alencar; n.º em Aurélio.

<sup>9</sup> Quatro jornais pelo menos, o *Jornal do Commercio*, a *Gazeta*, *O Paiz*, e o *Jornal do Brasil* interessaram-se por este caso; todos explicitamente críticos do espiritismo. A notícia da morte e suas circunstâncias, com o depoimento de Paulina, apareceu no sábado, 19 de outubro, e o depoimento do sr. Abalo no dia seguinte. Machado leu ambos. São esses depoimentos que atraem o interesse de Machado, e nos limitamos a transcrevê-los, como os reproduzem os jornais com variações mínimas – não importa saber qual jornal Machado leu. O primeiro, de Paulina, vem do *Jornal do Commercio*, 19 de outubro, p. 2, col. 5: “Paulina Maria Ferreira, brasileira, 33 anos de idade, solteira, moradora na Travessa da Paz n. 21, diz que é o *medium* da Associação Espírita da rua do Cond'Eu (*sic*) n. 146 e por isso está presente a todas as sessões e toma parte em todos os atos que nela se praticam; / Que é extraordinária a concorrência de pessoas, das quais umas comparecem por mera curiosidade e outras com fim de obterem medicamentos que são prescritos pelo presidente da associação, Manuel de Sousa Abalo, de comum acordo com ela declarante, e que consistem na repetição de várias rezas e no uso de água pura; / Que a sessão de ontem começou às 8 ½ horas da noite, sendo presente à abertura da sessão a falecida, que lá chegou já adoentada; / Que os padecimentos de Inês foram sempre se agravando, vindo a falecer, segundo lhe disseram, às 5 horas da manhã, na sala contígua à da sessão da Associação Espírita, à rua do Conde d'Eu n. 146; / Que sabe, por ouvir dizer, que muito antes de Inês falecer, Margarida de tal mandou chamar um carro para conduzir para sua casa, mas que o cocheiro recusando-se a receber Inês, por causa do seu estado, foi ela conduzida por Margarida, pela comunicação interna que existe entre os prédios ns. 144 e 146, para a casa de Antônio Tomás da Rocha; / Que só teve notícia da morte de Inês ao chegar à casa de Antônio Tomás da Rocha, hoje às 8 ½ horas da manhã, onde costuma esperar a hora para a sessão espírita durante o dia; / Que Inês não era sócia da Associação, onde foi ontem pela primeira vez; / Que ela declarante é quem recebe os Espíritos e transmite os seus pensamentos aos membros da associação, fazendo saber, outrossim, os meios a empregar para a cura das moléstias. / Que há cerca de quatro para cinco anos exerceu as funções de *medium* da associação, já tendo sido processada em maio do ano próximo findo, em cumplicidade com Manuel de Sousa Abalo, Antônio Tomás da Rocha e outros.”

De *O Paiz*, 20 de outubro, p. 2, col. 1 (sob o título “DUCHAS, DUCHAS!”): “Abalo declarou morar na rua Itapiru n. 117; / Que na noite de anteontem, como de costume, dirigiu-se, às 7 ½ horas da noite, à casa da rua Frei Caneca 146, sede da associação de que é presidente, e deu começo às práticas do seu culto; / Que a sala achava-se repleta de assistentes, calculadamente cerca de 150 pessoas, e que pouco depois soube que Inês, que se achava em uma outra sala, tinha sido acometida de um ataque que transformou-se em sonambulismo. / Depois de terminada a sua prática, às 9 ½ horas, ele retirou-se, não sem ter declarado que era inconveniente a presença às práticas de pessoas sujeitas a ataques, por isso que não queria ter a reponsabilidade de qualquer consequência. / Que também foi *apreciar* o ressonar de Inês e interrogar a pessoa que a acompanhou se aquela enfermidade era periódica em Inês, recebendo resposta afirmativa; / Que no entanto ignora o nome da pessoa a quem interrogou; / Que depois de se retirarem os assistentes, apenas ficaram ao lado de Inês quatro pessoas; / Que, não obstante as solicitações constantes que lhe têm sido feitas por inúmeras pessoas para tratá-las e até para fazer-lhes o diagnóstico, respondeu sempre que ali só se trata do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, e não da cura de doentes; / Que tem uma faculdade extraordinária de curar toda e qualquer enfermidade apenas com o poder de sua palavra e com um Padre-Nosso; / Que esse poder de *medium* curador apenas se revela para com aqueles que não são descrentes e mofadores; / Que se ele pudesse escrever o que fala, o seu poder seria incomparável, e que todos quantos assistem às suas práticas são desde logo considerados sócios da associação; / Que ele, declarante, e outros membros da associação, por esta delegacia foram processados pela prática do espiritismo; / Que ele, se bem que saiba da disposição do art. 157 do código penal, exerce o espiritismo de acordo com a disposição do art. 72 da Constituição; / Que a associação funciona há mais de três anos e conta em seu seio pessoas de todas as classes sociais.”

mal, segundo outro adágio.<sup>10</sup> A primeira notícia abala a gente toda, é a conversação do dia; a segunda já acha os espíritos cansados; a terceira enfastia. Cessam as notícias, e o acontecimento desaparece, como uns simples autos<sup>11</sup> e outras feitura humanas.

Inês, assistindo à prática do Sr. Abalo, que é o presidente da associação, teve um ataque nervoso que, segundo os depoimentos, se transformou em sonambulismo. Transferida pelos fundos da casa n. 146 para a casa n. 144, ali morreu às 5 horas da manhã. Paulina, que é o *medium*<sup>12</sup> da associação, depôs que Inês nunca antes assistira a tais sessões, e que já ali chegara, meio adoentada. Outras pessoas foram ouvidas, entre elas o presidente Abalo, que fez declarações interessantes. Insistia em que as práticas ali são meramente evangélicas, e entrou em minudências que reputo escusadas ao meu fim.

O meu fim é mais alto. Não quero saber se Inês faleceu do ataque, nem se este foi produzido pela prática evangélica do presidente, que aliás declarou na ocasião ser coisa desacertada levar àquele lugar pessoas sujeitas a tais crises. Também não quero saber se todas as moléstias, como diz o *medium*, são curáveis com um pouco d'água e um padre-nosso (medicina muito mais cristã que a do padre Kneipp,<sup>13</sup> que exclui a oração) ou se basta este mesmo padre-nosso e a palavra do presidente; ambas as afirmações se combinam, se atendermos a que a melhor água do mundo é a palavra da verdade. Outrossim, não indago se o presidente Abalo, como inculca, teria “um poder incomparável, caso chegasse a escrever o que fala”. É ponto que entende com a própria doutrina espírita.

A questão substancial, e posso dizer única, é a liberdade. O presidente Abalo e o *medium* Paulina confessaram já ter sido processados, com outros membros da associação, por praticarem o espiritismo. O primeiro acrescentou que, se bem conheça o art. 157 do código penal, exerce o espiritismo de acordo com a disposição do art. 72 da Constituição.<sup>14</sup>

Os entendidos terão resposta fácil; eu, simples leigo, não acho nenhuma. Deixo-me estar entre o código e a Constituição, pego de um artigo, pego de outro, leio, releio e tresleio. Realmente, a Constituição, mãe do código, acaba com a religião do Estado, e

---

<sup>10</sup> “O hóspede e a pesca aos três dias fedem.” Refrão comum em várias línguas.

<sup>11</sup> Para os autos desaparecidos, ver crônica de 6 de outubro, nota 3.

<sup>12</sup> Assim na *Gazeta*. Aurélio tem “médium”, em romano, na crônica inteira. A palavra era exclusivamente masculina naquele tempo. Decidimos seguir a regra e o texto de Machado, reservando a regra atual, segundo a qual a palavra é de dois gêneros, segundo o sexo da pessoa, para nossos comentários.

<sup>13</sup> O padre bávaro Sebastian Kneipp (1821-1897) foi o defensor mais famoso da hidroterapia, ou cura pela água, que virou verdadeira mania nas últimas décadas do século XIX; tinha clientes famosos – Darwin e o papa Leão XIII, entre outros.

<sup>14</sup> O art. 157 do Código Penal de 1890 reza: “Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias para despertar ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública: / Penas – de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500\$000.” O art. 72 da Constituição de 1891, por sua parte, diz: “Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum.”

não lhe importa que cada um tenha a que quiser. Desde que a porta fica assim aberta a todos, em que me hei de fundar para meter na cadeia o espiritismo? Responder-me-ás que é uma burla; mas onde está o critério para distinguir entre o Evangelho lido pelo presidente Abalo, e o lido pelo vigário da minha freguesia? Evangelho por Evangelho, o do meu vigário é mais velho, mas uma religião não é obrigada a ter cabelos brancos. Há religiões moças e robustas. Curar com água? Mas o já citado padre Kneipp não faz outra coisa, e o código, se ele cá vier, deixá-lo-á curar em paz. Quando o *medium* Paulina declara que recebe os espíritos, e transmite os seus pensamentos aos membros da associação, eu se fosse código, diria ao *medium* Paulina: Uma vez que a Constituição te dá o direito de receber os espíritos e os corpos, à escolha, fico sem razão para autuar-te, como mereces, minha finória; mas não te exponhas a tirar algum relógio aos associados, que isso é comigo.

O espiritismo é uma religião, não sei se falsa ou verdadeira; ele diz que verdadeira e única. Presunção e água benta cada um toma a que quer, segundo outro adágio. Hoje tudo vai por adágios. Verdadeiros ou não, escrevem-se e publicam-se inúmeros livros, folhetos, revistas e jornais espíritas. Aqui na cidade há uma folha espírita ou duas. Não se gasta tanto papel, em tantas línguas, senão crendo que a palavra que se está escrevendo é a própria verdade. Admito que haja alguns charlatães; mas o charlatanismo,<sup>15</sup> bem considerado, que outra coisa é senão uma bela e forte religião, com os seus sacerdotes, o seu rito, os seus princípios e os seus crédulos, que somos tu e eu?

Também há religiões literárias, e o Sr. Pedro Rabelo, no prólogo da *Alma Alheia*, alude a algumas e condena-as, chamando-lhes igrejinhas.<sup>16</sup> O Sr. Pedro Rabelo, porém, não é código, é escritor, e se acrescentar que é escritor de futuro, não será modesto, mas dirá a verdade. Digo-lha eu, que li as oito narrativas de que se compõe a *Alma Alheia*, com prazer e cheio de esperanças. *A Barricada* e o *Cão* são os mais conhecidos, e, para mim, os melhores da coleção. *A Curiosa* é mais que curiosa: é uma

---

<sup>15</sup> Esta vírgula não está na *Gazeta* (em fim de linha), nem em Mário de Alencar. Aurélio a acrescenta.

<sup>16</sup> Pedro Rabelo (1868-1905), poeta, contista e jornalista, foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Quem notou que tinha um estilo “antes imitativo” foi José Veríssimo: “Esta imitação, que às vezes chega a ser quase um *decalque* ou uma paródia, é por ora a feição proeminente do Sr. Pedro Rabelo”. O autor imitado, ou o principal deles era, justamente, Machado de Assis, como talvez se ressentisse do tom da frase da crônica que fala de “um autor”. *A Alma alheia* é uma coletânea de 8 contos e uma “Abertura”, que Machado chama de prólogo. É nesta abertura que fala da “disparidade do estilo, uma dessemelhança de processos, que se por um lado redundam em benefício para o volume, com o tirar-lhe a monotonia que pudera ter, por outro lhe prejudicam uma certa unidade de forma que, porventura, fora para desejar.” De fato, este prólogo é um ataque (defensivo?) ao ambiente literário da capital. Critica a predominância de grupos literários que se imitam e se louvam, e a que Rabelo chama de “igrejinhas” – entre outras coisas, atribui-lhes a “ausência de produção” – uma característica deles neste momento. Em alguns contos, há uma visível imitação da “maneira” de Machado: “Mana Minduca” é uma história do tempo que passa, de duas pessoas que se apaixonaram, mas encontrando-se doze anos depois se desiludem, com uns ecos de “Dona Paula” talvez, “Caso de adultério”, é isso mesmo, contado em tom irônico, que lembra “Missa do galo”, mas é muito menos sutil. Dos quatro contos que Machado menciona, erra o título de dois (devem ser *Cão!* e *Curiosa...*).

predestinada. *Mana Minduca...* Mas, para que hei de citar um por um todos os contos? Basta dizer que o Sr. Pedro Rabelo busca uma ideia, uma situação, alguma coisa que dizer, para transferi-la ao papel. Tem-se notado que o seu estilo é antes imitativo, e cita-se um autor, cuja maneira o jovem contista procura assimilar. Pode ser exato em relação a alguns contos; ele próprio acha que há diversidade no estilo desta (*disparidade* é o seu termo), e explica-a pela natureza das composições. Bocage escreveu que *com a ideia convém casar o estilo*, mas defendia um verso banal criticado pelo padre José Agostinho.<sup>17</sup> A explicação do Sr. Pedro Rabelo não explica o seu caso, nem é preciso. No verdor dos anos é natural não acertar logo com a feição própria e definitiva, bem como seguir a um e a outro, conforme as simpatias intelectuais e a impressão recente. A feição há de vir, a própria, única e definitiva, porque o Sr. Pedro Rabelo é daqueles moços em quem se pode confiar.



---

<sup>17</sup>Machado cita de memória, e mal, um verso de “Pena de Talião” de Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805): “Coa matéria convém casar o estilo / Levante-se a expressão, se é grande a ideia: / Se é negra a ideia, a locução negreje, / E tênue sendo, se atenua a frase.” O poema é um ataque ao poeta rival, padre José Agostinho de Macedo, parte de uma polémica entre os dois. Bocage diz: “Citas um verso mau, mil bons não notas. / Citas um verso mau, que não transforma / em matos os jardins?” O verso de Bocage criticado por Macedo foi “Se Lísia baquear baqueia o mundo”, que pertence ao “Elogio” – “Aos anos do mesmo senhor [d. João, príncipe regente de Portugal, o futuro d. João VI], recitado no Teatro da rua dos Condes em 13 de maio de 1801. Macedo fez a seguinte crítica ao verso, negando a existência do verbo “baquear”: “E dado que se encontre (o que eu te nego) / Em algum dos autores, que escreveram / Cá desde Castanheda ao mau Piloto / Do Comboio das petas, e mentiras / o verbo baquear dele ignorante, / Da queda o efeito pela queda toma.” (isto é, o baque era, ou devia ser, o efeito da queda, não a queda em si). Bocage responde, em “Pena de Talião”: “Ignora o baquear que é verbo antigo, / Dos Sousas, dos Arrais sãmente usado” (*i.e.*, frei Luís de Sousa e frei Amador Arrais). De fato, o verbo não era novo no tempo de Bocage, datando-se ao menos de 1566.